



ID 622: AS RIBEIRAS E RIOS OCULTOS DA CIDADE DO PORTO. UM PATRIMÓNIO HÍDRICO A REABILITAR

Carmen FERREIRA¹

¹Departamento de Geografia, FLUP, Investigadora CEGOT; dra.carmenferreira@gmail.com

RESUMO: A relação que as pessoas estabelecem com os rios é, certamente, complexa. Desde sempre os rios viabilizaram o aparecimento das cidades. As cidades foram crescendo e criando impactos diversos nos seus cursos de água que, serpenteando o espaço urbano, sofreram, perversamente, com o crescimento da população e densificação urbana. Os cursos de água foram perdendo, pouco a pouco, o seu papel como elemento integrador da paisagem. Assiste-se a uma rutura na relação dos humanos com o rio, que o afasta da superfície, da paisagem, da nossa vista e o “esconde” no subsolo, entubando-o. A consciencialização ambiental, que desperta da década de 70, conduz a uma reflexão sobre esta relação Homem-Rio e passa-se a uma nova fase, a de reconciliação com o rio – restauração/reabilitação fluvial. Inicia-se o resgate dos rios como elementos da paisagem e assiste-se à quebra do paradigma e mudança de padrões de desenvolvimento urbano. A cidade do Porto e o seu crescimento ao longo dos tempos não foi exceção a este tipo de relação complexa que a cidade e seus habitantes estabelecem com este recurso natural. É esse património histórico oculto, adstrito ao ciclo urbano da água, que será objeto deste estudo e com o qual se pretende mostrar a existência de uma outra “cidade” debaixo dos nossos pés.

PALAVRAS-CHAVE: Património hídrico; Rios entubados; Reabilitação; Porto

1. OS RIOS E AS CIDADES

A relação que as pessoas estabelecem com os rios é, certamente, complexa e constituída por aproximações e antagonismos fundadas nas necessidades e expectativas humanas que se estendem ao longo do tempo e do espaço (Baptista e Cardoso, 2013). Desde sempre os rios viabilizaram o aparecimento das cidades. As relações entre cidades e rios são, por isso, consideradas fundamentais para se compreender a história urbana devido às suas interações profundas (Phong, 2015). As cidades foram crescendo e criando impactos diversos nos seus cursos de água que, serpenteando o espaço urbano, sofreram, perversamente, com o crescimento da população e densificação urbana. Os cursos de água foram perdendo, pouco a pouco, o seu papel como elemento integrador da paisagem. Assiste-se a uma rutura na relação do Homem



com o rio, que o afasta da superfície, da paisagem, da nossa vista e o “esconde” no subsolo, entubando-o. A consciencialização ambiental, que desperta na década de 70, conduz a uma reflexão sobre esta relação Homem-Rio e passa-se a uma nova fase, a de reconciliação com o rio – restauração/reabilitação fluvial. Inicia-se o resgate dos rios como elementos da paisagem e assiste-se à quebra do paradigma e mudança de padrões de desenvolvimento urbano. Os rios conectam as pessoas às cidades e influenciam a maneira como elas sentem o seu lugar. A cidade do Porto e o seu crescimento ao longo dos tempos, não foi exceção a este tipo de relação complexa que a cidade e seus habitantes estabelecem com este recurso natural. Como referem Peixoto e Cardielos (2016), os processos de industrialização e modernização das cidades, modificam as relações morfológicas entre a cidade e os seus cursos de água mas deixam um vasto património urbano, arquitetónico e cultural associado à água. É este património da cidade do Porto que urge preservar e dar a conhecer. Este património, que representa uma realidade distante no tempo das nossas vidas, permitir-nos-á refletir sobre a história dos percursos da água no Porto.

2. A EXPANSÃO URBANA DA CIDADE DO PORTO E A ARTIFICIALIZAÇÃO DOS SISTEMAS FLUVIAIS

Quando o homem ocupou o espaço onde hoje é a cidade do Porto, os inúmeros ribeiros e rios existentes nessa área possuíam águas puras e cristalinas que iam desaguar ao Douro (Amorim e Pinto, 2001). Durante séculos o abastecimento de água à população da cidade do Porto foi feito à custa de inúmeros cursos de água. Esta abundância de água devia-se não somente às características geológicas da cidade – granítica, mas também às suas características climáticas, com precipitação abundante, própria de um clima temperado mediterrânico de fachada atlântica. A primeira referência escrita que nos informa da existência de chafarizes públicos na cidade do Porto, data de 9 de julho de 1392 e refere, sobretudo, a falta de higiene e a má utilização da água que provoca a contaminação desta. Já no séc. XIV, se pretendia punir aqueles que conspurcavam a água pública com uma multa que deveria ser paga ao concelho (Amorim e Pinto, 2001). Nessa altura, estávamos a uma distância temporal de seis séculos do princípio do poluidor-pagador, proposto na Diretiva Quadro da Água (União Europeia, 2000).

Até 1579 a cidade abastecia-se de água em fontes e minas mas, a partir desse ano, o Porto começou a ir buscar a água ao Manancial de Paranhos (Arca D’água), onde brotavam três nascentes, que abasteciam, por meio de uma canalização tosca, as fontes e chafarizes da cidade.



A obra de encanamento foi concedida pelo rei Filipe I e autorizada pelo alvará datado de 20 de Novembro de 1579, terminando a sua construção 90 anos depois, no ano de 1669.

Durante 300 anos foi desta água que o Porto se abasteceu. Durante todo este período houve problemas de diversa ordem, com agricultores, com os donos de animais que derrubavam os alcatruzes até que, no séc. XIX, túneis feitos à mão, abertos no maciço granítico do Porto, passaram a conduzir a água desde a Arca D'água aos habitantes do Porto. Temos hoje uma extensão de 3,5 Km de túneis e galerias que nos revelam o percurso da água desde a Arca D'água até à Praça Gomes Teixeira.

A Arca D'água foi perdendo importância nos finais do século XIX com o aparecimento de novos sistemas hidráulicos e reservatórios. No entanto, este manancial oculto debaixo do jardim com o mesmo nome, é uma parte importante da história subterrânea da cidade. Hoje, a entrada para este manancial de água, faz-se por um alçapão no relvado do Jardim da Arca D'água que contrasta com a riqueza da construção à época.

Na cidade do Porto existem 66 Km de rios e ribeiras, 76% (49,7 Km) dos quais estão entubados em consequência da crescente expansão urbana. Não podendo falar de todos, selecionamos os mais importantes da cidade para perceber a sua modificação ao longo do tempo e as suas relações com a cidade.

O rio da Vila, até 1354 designado como rio da Cividade, forma-se pela junção de dois ribeiros. Tendo como referência os topónimos atuais, podemos dizer que um dos ribeiros tinha a sua origem na Praça Marquês de Pombal, descia a Avenida dos Aliados, passava pela Praça da Liberdade e confluía com um segundo ribeiro junto à Praça Almeida Garrett, em frente à Estação de Caminhos de Ferro de S. Bento. O segundo ribeiro tinha origem na Fontinha, descia para o mercado do Bolhão, seguia pela rua Sá da Bandeira e encontrava-se com o primeiro ribeiro, como atrás referimos, na Praça Almeida Garrett. Era desta junção dos dois ribeiros que surgia o rio da Vila que prosseguia o seu percurso descendo a rua Mouzinho da Silveira e a rua de S. João, desaguando depois no rio Douro, na Praça da Ribeira. No séc. XIX, o rio da Vila recebia os lixos e as imundices produzidas nas imediações, sobretudo as descargas dos tanques de curtume de peles que eram a principal fonte do mau cheiro que o rio exalava. Foi precisamente este mau cheiro, o principal responsável pelo entubamento do rio devido às reclamações dos habitantes locais. O rio começou a ser entubado em 1765, quando João de Almada mandou abrir a rua de S. João, continuando, no resto do seu percurso, para montante, correndo a céu aberto. Somente em 1875, com a abertura da rua Mouzinho da Silveira, é que o rio passou a ser totalmente entubado. No entanto, apesar de entubado e longe da vista da população, o rio da Vila continuou, ao longo



dos tempos, a ser contaminado com ligações clandestinas de esgotos domésticos. A arquitetura do entubamento deste rio na rua Mouzinho da Silveira, é constituída por paredes verticais e tetos em abóboda, de granito, num túnel de 350 metros de extensão, por 2,5 metros de largura e 3 metros de altura.

O rio Frio, também designado por rio do Carregal, nome associado às “carregas”, planta poácea característica dos terrenos pantanosos que o rio percorria e que deram também o nome ao jardim do Carregal, era também conhecido como o rio das Virtudes, por abastecer o chafariz ou fonte das Virtudes, erguida em 1619 onde, em nicho central, existia a imagem da Nossa Senhora das Virtudes. Tendo por referência os topónimos atuais, este rio nasce na rua da Torrinha, passa pelo jardim do Carregal, por baixo do Hospital de Santo António – o rio foi encanado em 1769 para, sobre ele, se construir este hospital - desce até Miragaia pelo monte da Vitória e desagua no rio Douro por baixo do edifício da Alfândega Nova. O rio Frio, que em tempos idos desaguava a céu aberto na praia de Miragaia, está hoje totalmente encanado e convertido em canal de esgoto. Se a arquitetura do seu entubamento não apresenta a riqueza e grandiosidade da do rio da Vila, já a Fonte das Virtudes, é considerada uma das mais belas fontes da cidade, a de maiores dimensões e classificada Monumento Nacional.

O rio de Mijavelhas, assim chamado por ser um dos locais de “alívio” das mulheres que vinham dos concelhos da parte oriental da cidade (Gondomar e Valongo), até ao Porto, para vender os seus produtos agrícolas, tinha, à época em que corria a céu aberto, ainda em pleno séc. XVIII, uma ponte em arco, com largura de 4 metros, que permitiria melhorar o trânsito entre Porto e Valongo. Tal ponte acabou por ser soterrada na altura em que nivelaram toda a área que correspondia ao Campo Grande, hoje designado como Campo 24 de Agosto. Associada ao rio, a Arca D’água de Mijavelhas, cuja existência se conhece desde o séc. XIV, localizava-se, tendo em conta os topónimos atuais, no Campo 24 de Agosto e muito próximo da esquina que este faz com a Rua do Bonfim. A água desta Arca de Mijavelhas alimentava, não só, os campos próximos, como também algumas fontes da cidade do Porto, entre as quais se destaca a fonte das Fontainhas, local de “peregrinação” nos festejos do S. João do Porto. As obras do Metro do Porto vieram trazer à luz do dia estes achados arqueológicos que estavam soterrados. Na estação do Metro do Campo 24 de Agosto, podemos hoje observar, no seu mezanino, os restos desta Arca trabalhada em rocha granítica do Porto (Fig. 1).



Figura 128 Restos da Arca D'água de Mijavelhas na estação do Metro do Campo 24 de Agosto | Fonte: <https://www.timeout.pt/porto/pt/coisas-para-fazer/o-melhor-do-bonfim>

A ribeira da Granja é o maior curso de água da cidade, atravessando-a de norte a sul. Encontra-se, maioritariamente, entubada (cerca de 80%) e possui 14,4 Km de extensão na cidade do Porto. Com uma bacia hidrográfica que ocupa 26% da superfície da cidade, esta ribeira tem uma das suas nascentes em Padrão da Légua, topónimo que ainda existe. Em Ramalde, junta-se a um outro regato que nasce na Arca D'água e segue o seu percurso para sul, durante o qual se lhe juntam outros ribeiros, até desaguar no rio Douro em Lordelo do Ouro. Esta ribeira teve, através dos tempos e dos lugares por onde passa, nomes diversos, tais como: Ribeira da Agra, Ribeira de Ramalde, Ribeira de Lordelo, Ribeira de Grijó, Ribeira de Penoucos, Ribeira do Ouro, Ribeira das Naus. A Câmara Municipal do Porto tem feito intervenções nesta ribeira, despoluindo-a e trazendo à superfície partes do seu percurso, conectando-a com a cidade.

3. O NOVO PARADIGMA – REABILITAÇÃO DOS CURSOS DE ÁGUA DO PORTO

Segundo Moreno (2011), das diversas funções que as linhas de água em ambiente urbano possuem, a função paisagística é uma das que mais se destaca, isto porque os cursos de água valorizam a paisagem pelo contraste, estrutura e diversidade que lhe conferem. Conscientes de que os rios são vetores de conexão dos cidadãos aos seus lugares e que estes influenciam a maneira como sentem esses mesmos lugares, assiste-se hoje ao crescimento de um novo paradigma nesta relação Homem-rio – a de reconciliação e necessidade de os recuperar, reabilitando-os e convivendo com eles à superfície, sobretudo aqueles que, escondidos, corriam debaixo dos seus pés. Tal como em muitas cidades do Mundo, a cidade do Porto pretende também criar estas novas relações com os seus cursos de água, reabilitando-os, recuperando-os e dando-lhes visibilidade, para que os habitantes da urbe convivam, usufruam e conheçam os vários cursos de água, anteriormente ocultos, da sua cidade.



Foi com base nesta nova consciência que nasceu, na empresa municipal Águas do Porto (AP), o Projeto Ribeiras do Porto, cujo objetivo é o de despoluir, desentubar e reabilitar algumas das ribeiras, criando uma nova relação da cidade com os seus recursos hídricos, recuperando-os como elementos da paisagem e contribuindo para a sustentabilidade da cidade e qualificação territorial. Das várias intervenções feitas e a fazer nas ribeiras do Porto, selecionamos as intervenções feitas naquela que é a maior ribeira do Porto – a ribeira da Granja, e também na ribeira da Asprela. Aliás, estas foram também as duas ribeiras que a empresa municipal Águas do Porto (AP) considerou prioritárias para intervenções de reabilitação e renaturalização.

Um dos primeiros projetos associados à reabilitação da ribeira da Granja ocorreu em 2011 e correspondeu ao desentubamento do troço da ribeira designado por Quinta do Rio. Em 2013 fez-se o desentubamento e reabilitação do troço da Sache, junto à rua de Serralves, com a requalificação das margens da ribeira. Nesse mesmo ano, a Águas do Porto (AP) dá início ao Projeto “Reabilitação Estrutural da Galeria da Ribeira da Granja”, concluído em 2017. Este projeto era prioritário devido aos vários colapsos da infraestrutura hidráulica da ribeira, verificados em 2013, que colocavam em risco pessoas e bens dos aglomerados urbanos localizados nessas áreas inundáveis. Refira-se que esta intervenção foi feita na parte jusante da bacia da ribeira da Granja, perto da sua foz no rio Douro. Na sequência desta obra, aproveitou-se a situação para proceder a uma melhoria da qualidade da água da ribeira por se ter verificado descargas indevidas de águas residuais domésticas e industriais causadoras de insalubridade. Assiste-se, assim, a um “renascer” de partes do percurso desta ribeira que, integrados numa requalificação territorial do espaço circundante, criam espaços de lazer, percursos pedestres e pistas para ciclismo para usufruto dos cidadãos, conectando-os com a água e melhorando a qualidade de vida da população.

A ribeira da Asprela é afluente do rio Leça, nasce na freguesia de Paranhos e tem uma extensão na cidade de cerca de 5 Km e uma bacia hidrográfica com uma área, aproximada, de 3,5 Km². Está maioritariamente entubada (83%), tendo apenas 17% do seu percurso a correr a céu aberto. A primeira intervenção de reabilitação desta ribeira ocorreu em 2010, junto ao Bairro do Outeiro, ao lado da A3 na freguesia de Paranhos. Foram requalificados 60 metros da ribeira com novas técnicas de bioengenharia para estabilização das suas margens. A técnica aplicada foi o enrocamento, utilizando como materiais a pedra, estacaria e fibra de coco. A proximidade deste troço da ribeira da A3, faz com que sejam necessárias intervenções de manutenção constantes por causa de problemas de poluição devidos aos óleos que escorrem da estrada para a ribeira.

Inaugurado em 2015, o Parque da Quinta de Lamas, situado na Asprela entre a Faculdade de Engenharia e a Faculdade de Economia da Universidade do Porto, possui três hectares de jardim, vários espaços desportivos e uma ribeira que o percorre a céu aberto com leito e margens naturalizadas e que antes estava entubada – a ribeira da Asprela (Fig.2). Espaço antes abandonado, o Parque da Quinta de Lamas foi intervencionado em 2014 e é um projeto de requalificação urbana da Universidade do Porto (UP) cuja coordenação foi da responsabilidade do Professor Fernando Farinha Marques, da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. A UP contribuiu assim para a valorização ambiental, criando um espaço de lazer ao ar livre para usufruto quer da comunidade estudantil que se centra no pólo da Asprela, quer para os cidadãos que aí vivem. Uma forma da instituição UP promover a qualidade ambiental do campus da Asprela, conferindo um valor estético a uma área de forte concentração urbanística.



Figura 129 Parque da Quinta de Lamas com espaço verde recuperado e ribeira da Asprela requalificada | Fonte: <https://www.publico.pt/2015/06/30/local/noticia/polo-universitario-da-asprela-vai-ter-finalmente-um-parque-verde-1700501#&gid=1&pid=2>

Consciente do abandono do património histórico relacionado com o ciclo urbano da água, a empresa municipal Águas do Porto fez um Estudo de Valorização de Bens Patrimoniais e deste resultou uma inventariação e caracterização desse património, e a intenção de iniciar dois projetos em 2016. Um dos projetos corresponde à musealização do Rio da Vila e o outro à reabilitação do reservatório da Pasteleira num espaço polivalente para atividades de carácter cultural.

O Programa de musealização da galeria do Rio da Vila foi apresentado pela empresa Municipal Águas do Porto (AP) ao executivo da Câmara do Porto, em Dezembro de 2015. A secção do Rio da Vila que as Águas do Porto querem devolver aos que vivem e visitam a cidade, situa-se entre a Estação de S. Bento e o Largo de S. Domingos. São 350 metros que correm por baixo da Rua Mouzinho da Silveira e onde, segundo as Águas do Porto (AP), é possível encontrar vestígios desde a época Romana até à atualidade. O plano da empresa municipal é que o acesso a esta



galeria do Rio da Vila possa ser feito através da estação de metro de S. Bento, onde, numa sala a instalar, não só funcionará a bilheteira como será também um espaço para exposições e acesso ao percurso visitável. Esta solução estará ainda a ser discutida com a empresa Metro do Porto. Na apresentação deste Programa, em 2015, dava-se como prazo de conclusão da obra o início de 2018, facto que não se verificou.

O reservatório de água da Pasteleira, inserido no Parque da Pasteleira, está já a ser reabilitado e constituirá um pólo do futuro Museu da cidade que se quer policêntrico. Assim sendo, pretende-se que no Reservatório da Pasteleira se conte a história da cidade tendo a água como fio condutor, isto é, através da água, poderão ser selecionados momentos que são fulcrais na história da cidade do Porto. O objetivo das Águas do Porto (AP) na reabilitação deste reservatório é, não só, o da recuperação de uma estrutura de grande valor patrimonial, mas também a possibilidade de colocar esta estrutura ao serviço dos cidadãos, para fruição pública, e do mesmo ser utilizado com fins pedagógicos nos quais se acentue o valor estratégico da água. O programa para este pólo museológico ainda não está concretizado, mas pretende-se que seja um projeto cenográfico, que dialoga a multimédia com objetos relacionados com grandes temas que serão abordados neste mesmo pólo. A sua abertura está prevista para outubro de 2018.

4. CONCLUSÃO

Diz Guilherme de Oliveira Martins (Público, 8 de Maio de 2018) que a escolha do Património Cultural como tema da União Europeia para o ano de 2018 não foi por acaso. Refere o autor que é necessário estarmos conscientes das nossas raízes históricas, das nossas memórias, de forma a construirmos um futuro moderno e inovador. Por sua vez, as Nações Unidas lançaram em Março de 2018, uma década de ação pela água. Natureza e cultura são campos indissociáveis. Conhecermos os percursos da água ao longo dos tempos e as relações que os homens estabelecem com este recurso natural, faz dele um património cultural que, não o esquecendo, não o abandonando e protegendo-o, nos permitirá caminhar para um desenvolvimento humano de respeito por este recurso vital.



5. BIBLIOGRAFIA

Amorim, A., Pinto, J. (2001). Porto d'agoa. Ed. Serviços Municipalizados de Água e Saneamento do Porto, Porto.

AP – Águas do Porto: <https://www.aguasdoporto.pt/areas-de-intervencao/ribeiras> (acedido a 19 de Julho de 2018).

AP – Águas do Porto: <https://www.aguasdoporto.pt/noticias-aguas-do-porto/reabilitacao-estrutural-da-galeria-da-ribeira-da-granja-esta-terminada> (acedido a 19 de Julho de 2018).

Baptista, M., Cardoso, A. (2013). Rios e Cidades: uma longa e sinuosa história... Revista UFMG, Belo Horizonte, 20 (2), 124-153.

Martins, G. O. (2018). O outro lado do património... Jornal Público de 5 de Maio de 2018. <https://www.publico.pt/2018/05/08/culturaipilon/opiniao/o-outro-lado-do-patrimonio-1827423> (acedido a 26 de Julho de 2018).

Moreno, P. (2011). Requalificação de sistemas fluviais em ambiente urbano como instrumento de revitalização territorial. Dissertação de Mestrado em Engenharia do Ambiente. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 141 pp.

Peixoto, P., Cardielos, J. P. (2016). A água como património. Experiências de requalificação das cidades com água e das paisagens fluviais. Ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra.

Phong, L. H. (2015). The relationship between rivers and cities: influences of urbanization on the riverine zones – a case study of Red River zones in Hanoi, Vietnam. Sustainable Development and Planning VII. WIT Press, Transactions on Ecology and the Environment, 193, 27-43. <https://www.witpress.com/elibrary/wit-transactions-on-ecology-and-the-environment/193/33829> (acedido a 11 de Julho de 2018).

União Europeia (2000). Diretiva Quadro da Água (Directiva 2000/60/CE).